# Critérios de Mesmidade[i] - 25/03/2020

Claudio Costa trata do que ele chama \_mesmidade\_ , que é o conceito de  
identidade pessoal que faz com que uma pessoa seja a mesma ao longo do tempo,  
ou seja, sua identidade numérica. Isso definido, Costa busca critérios para  
essa identidade pessoal, que são abordados por teorias físicas e psicológicas,  
as primeiras se atendo à continuidade corporal ou cerebral, as segundas na  
manutenção de traços de caráter, recordações pessoais, etc.  
  
\_Critérios físicos\_. Costa coloca em dúvida a permanência corporal, já que um  
corpo morto não é mais uma pessoa. Sobre a permanência do cérebro[ii], Costa  
se pergunta se seria um critério mais decisivo que o corpo. Não  
necessariamente, pois se pensarmos em um cérebro mantido em formol ou o de  
alguém em coma, não se pode considerar que a continuidade do cérebro é  
exatamente o critério para identidade pessoal.  
  
\_Teletransporte\_. Um experimento mental citado por Costa é o de Derek Parfit  
que trata do teletransporte de uma pessoa da Terra para Marte, em que não  
haveria continuidade corporal, mas que o filósofo considera ser a mesma  
pessoa. Peter Unger pensa diferente, dizendo que a pessoa original não existe  
mais, restando apenas uma réplica. Se, talvez a \_continuidade física  
substantiva\_ não seja imprescindível, Costa mostra que ao menos uma \_conexão  
física causal\_ deve ser necessária para relacionar a pessoa, o que seria  
verdadeiro no caso do teletransporte. Porém, se o teletransporte produzisse 5  
cópias, por exemplo, não seria possível dizer que se trata da mesma pessoa  
(como no caso da ameba: 1 vira 2 que vira 4, etc.). Enfim, citando Robert  
Nozick, Costa conclui que ”a identidade é possível quando a continuidade  
física substantiva ou causal é \_unilinear\_ ”.  
  
\_Critérios psicológicos\_. O ponto crucial, que Costa atribui a Locke, é o da  
memória pessoal, ou seja, sei que sou eu até onde vão minhas lembranças sobre  
mim. Contudo, Costa ressalta que o caso de alguém que perca sua memória, porém  
guarde traços psicológicos pode facilmente mostrar ser a mesma pessoa. E  
ilustra com o caso do motorista de Lady Di que perdeu a memória no acidente,  
embora saibamos que se trata dele mesmo e podemos até informa-lo disso. Assim  
como o critério da continuidade corporal [objetiva], a permanência da memória  
pessoal [subjetiva] não é critério suficiente para a identidade pessoal.  
  
Por fim, Costa cita alguns casos onde a memória pessoal não seria relevante,  
quando, por exemplo, em um teletransporte a memória de Arafat fosse trocada  
com a de Sharon, isso não os faria perder sua identidade pessoal, porém  
provavelmente causaria algum desconforto. Muito embora, acrescenta Costa, a  
memória pessoal deveria ser \_confirmada por outra pessoa\_ para que de fato  
pudéssemos comprovar que se trata da mesma pessoa, ou seja, ela seria um  
pressuposto epistêmico.  
  
\_Critérios mistos\_. Costa então propõe uma regra P baseada nos dois grupos  
anteriores: A e B. Define-se:  
  
Grupo A (\_critérios físicos\_):  
  
1. Continuidade física substantiva  
  
2. Conexão física causal  
  
Grupo B (\_critérios mentais\_):  
  
1. Persistência da personalidade e caráter  
  
2. Persistência da memória proposicional e de habilidades  
  
E a Regra P: uma pessoa pode ser considerada a mesma quando ao menos um  
critério de cada grupo estiver sendo suficientemente satisfeito.  
  
A regra é maximizada quando temos todos os critérios aceitos e se degrada aos  
casos que quase não sabemos decidir. Ou seja, conclui ele, não há uma condição  
objetiva para analisar a questão da identidade pessoal.  
  
   
  
\* \* \*  
  
   
  
[i] COSTA, CLAUDIO. \_Filosofia da Mente\_ , p. 38 e ss. Rio de Janeiro: Jorge  
Zahar Ed., 2005. (Passo-a-passo; 52)  
  
[ii] Que teria prioridade sobre o corpo, conforme o exemplo de Sydney  
Shoemaker da pessoa chamada \*\*Brownson\*\*.